

## ECOS DA INFÂNCIA: IMPACTOS DA PARENTALIDADE NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL

### *ECHOS OF CHILDHOOD: IMPACTS OF PARENTING ON EMOTIONAL AND BEHAVIORAL DEVELOPMENT*

Kiara de Fátima Moreira de Oliveira<sup>1</sup>

Hilana Maria Braga Fernandes Abreu<sup>2</sup>

Maria Aparecida Menezes Ferreira Suassuna<sup>3</sup>

Byanca Eugênia Duarte Silva<sup>4</sup>

#### **RESUMO:**

**Introdução:** Os estilos parentais exercem influência significativa no desenvolvimento emocional e comportamental dos indivíduos, repercutindo não apenas na infância e adolescência, mas também na vida adulta. As experiências estabelecidas no contexto familiar podem contribuir tanto para fatores de proteção quanto para vulnerabilidades emocionais e relacionais. **Objetivo:** Analisar de que forma os estilos parentais percebidos por jovens adultos influenciam suas percepções acerca do próprio desenvolvimento emocional e comportamental. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de campo, transversal e retrospectiva, com abordagem mista (quantitativa e qualitativa). Participaram do estudo 20 jovens adultos, com idade entre 19 e 25 anos, estudantes de um Centro Universitário no Alto Sertão da Paraíba. Para a coleta de dados, utilizou-se o Inventário de Estilos Parentais (IEP) e uma entrevista semiestruturada. Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva, com auxílio do software IBM SPSS Statistics, enquanto os dados qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. **Resultados:** Os resultados evidenciaram predominância de práticas educativas disfuncionais tanto para a figura paterna quanto materna, destacando-se negligência, abuso físico e monitoria negativa. A análise qualitativa revelou impactos relacionados à dificuldade de regulação emocional, baixa tolerância à frustração, dificuldades de expressão emocional, construção de vínculos e assertividade. Também foram identificados movimentos de reprodução e tentativa de ruptura de padrões parentais intergeracionais. Os achados reforçam a influência das experiências parentais no desenvolvimento emocional e comportamental ao longo da vida.

**Palavras-chave:** Estilos parentais; desenvolvimento emocional; práticas educativas; relações familiares; jovens adultos.

#### **ABSTRACT**

**Introduction:** Parenting styles have a significant influence on individuals' emotional and behavioral development, affecting not only childhood and adolescence but also adulthood. Experiences within the family context can contribute to both protective factors and emotional and relational vulnerabilities. **Objective:** To analyze how the parenting styles perceived by young adults influence their perceptions of their own emotional and behavioral development. **Method:** This is a cross-sectional, retrospective field study using a mixed-methods approach

*(quantitative and qualitative). Twenty young adults, aged 19 to 25, who were students at a university center in the Alto Sertão region of Paraíba, participated in the study. Data were collected using the Parenting Styles Inventory (PSI) and a semi-structured interview. Quantitative data were analyzed using descriptive statistics with the aid of IBM SPSS Statistics software, while qualitative data were subjected to content analysis as proposed by Laurence Bardin. **Results:** The results revealed a prevalence of dysfunctional parenting practices among both fathers and mothers, particularly neglect, physical abuse, and negative monitoring. Qualitative analysis revealed impacts related to difficulties with emotional regulation, low frustration tolerance, difficulties with emotional expression, bonding, and assertiveness. There were also signs of a tendency to replicate and attempts to break away from intergenerational parenting patterns. The findings underscore the influence of parental experiences on emotional and behavioral development throughout life.*

**Keywords:** Parenting styles; emotional development; educational practices; family relationships; young adults.

## INTRODUÇÃO

A interação entre pais e filhos constitui uma das relações mais significativas para o desenvolvimento infantil, representando a primeira referência social e emocional da criança (Lago et al., 2010). Essa relação influencia não apenas a infância e a adolescência, mas também as formas de interpretação emocional e comportamental que o indivíduo tende a manifestar ao longo da vida adulta.

Dentre os fatores que influenciam essa dinâmica relacional, destacam-se os estilos parentais. Assim, Diana Baumrind (1966) classificou os estilos parentais em autoritativo, autoritário e permissivo, considerando diferentes níveis de responsividade e exigência. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) acrescentaram o estilo negligente ao modelo clássico. Complementando essas perspectivas, Paula Inez Cunha Gomide (2006) propôs um modelo baseado em sete práticas educativas parentais, sendo duas positivas: a monitoria positiva e o comportamento moral; e cinco negativas: abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente. Enquanto as práticas positivas tendem a favorecer comportamentos pró-sociais e o desenvolvimento saudável, as práticas negativas podem contribuir para prejuízos emocionais e comportamentos desadaptativos.

Segundo Baumrind (1966), o estilo autoritativo, também denominado democrático, apresenta melhores indicadores de desenvolvimento quando comparado aos estilos autoritário e permissivo. Pais com esse perfil tendem a orientar os filhos por meio do diálogo, da explicação e do estabelecimento de limites consistentes, favorecendo tanto a autonomia quanto a responsabilidade. Logo, embora exerçam autoridade, respeitam a individualidade da criança e estimulam sua participação nas interações familiares.

Em contrapartida, pais autoritários costumam adotar práticas rígidas e coercitivas, priorizando a obediência e o cumprimento de regras pré-estabelecidas. Nesse modelo, o diálogo tende a ser limitado, e as punições frequentemente são utilizadas como forma de controle comportamental. Já os pais permissivos apresentam postura mais tolerante e pouco diretiva, evitando punições e permitindo maior liberdade aos filhos, atuando mais como fonte de apoio do que como figuras de controle e orientação (Baumrind, 1966).

A compreensão dos fatores que influenciam o desenvolvimento humano constitui uma temática amplamente investigada na Psicologia. Nesse contexto, Cardoso e Veríssimo (2013) destacam que os estilos parentais exercem papel central na formação da personalidade, dos vínculos sociais e do desenvolvimento emocional, uma vez que as interações estabelecidas entre pais e filhos influenciam diretamente os processos de socialização e construção subjetiva.

Além disso, experiências familiares vivenciadas durante a infância podem repercutir significativamente na forma como os indivíduos lidam com emoções, conflitos, vínculos afetivos e relações interpessoais ao longo da vida. Nesse sentido, compreender os impactos das práticas educativas parentais torna-se fundamental para ampliar o entendimento acerca do desenvolvimento emocional e comportamental na vida adulta.

Diante disso, o presente estudo buscou responder à seguinte questão norteadora: de que forma os estilos parentais percebidos por jovens adultos influenciam suas percepções acerca do próprio desenvolvimento emocional e comportamental? Partiu-se da hipótese de que experiências de vinculação afetiva e estilos parentais vivenciados na infância estão associadas a diferentes padrões emocionais e comportamentais na vida adulta.

Assim, o estudo teve como objetivo analisar como os estilos parentais percebidos durante a infância influenciam o desenvolvimento emocional e comportamental de jovens adultos. Para isso, foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais (IEP), desenvolvido por Paula Inez Cunha Gomide (2006), além de entrevistas semiestruturadas, buscando identificar associações entre as práticas educativas predominantes e as características emocionais relatadas pelos participantes.

Investigar essa temática mostra-se relevante na medida em que os achados podem contribuir para a identificação de práticas parentais de risco e de proteção, auxiliando profissionais das áreas da saúde, da educação e da assistência psicossocial na elaboração de estratégias preventivas e interventivas voltadas às famílias. Ademais, ao utilizar uma amostra de jovens adultos inseridos em contexto brasileiro, o estudo amplia a compreensão acerca dos efeitos de longo prazo dos estilos parentais, especialmente em realidades socioculturais ainda pouco exploradas na literatura científica.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo, transversal e retrospectiva, com abordagem mista (quantitativa e qualitativa).

Participaram do estudo 20 jovens adultos, com idade entre 19 e 25 anos ( $M = 21,6$  anos;  $DP = 1,8$ ), estudantes de um Centro Universitário no Alto Sertão da Paraíba. A amostra foi do tipo intencional, selecionada por conveniência, considerando a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa. Quanto ao sexo, 80% ( $n = 16$ ) dos participantes eram do sexo feminino e 20% ( $n = 4$ ) do sexo masculino. Em relação aos cursos de graduação, 70% ( $n = 14$ ) cursavam Psicologia, seguidos por Biomedicina (10%,  $n = 2$ ), Enfermagem (5%,  $n = 1$ ), Terapia Ocupacional (5%,  $n = 1$ ), Arquitetura (5%,  $n = 1$ ) e Administração (5%,  $n = 1$ ).

Como critério de inclusão, estabeleceu-se que os participantes deveriam ter convivido com pelo menos um dos pais durante a infância por um período mínimo de 10 anos. Foram excluídos da pesquisa os participantes que não responderam integralmente aos instrumentos utilizados.

Para a coleta de dados, utilizou-se o Inventário de Estilos Parentais (IEP), desenvolvido por Paula Inez Cunha Gomide (2006), composto por 42 itens que avaliam sete práticas educativas parentais: negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa, monitoria positiva, comportamento moral e abuso físico. A partir da pontuação obtida, é possível identificar a predominância de práticas educativas positivas (escores positivos) ou disfuncionais (escores negativos), bem como o estilo parental predominante.

Além do IEP, foi aplicada uma entrevista semiestruturada elaborada pelas pesquisadoras, contendo questões abertas acerca das experiências familiares, das percepções sobre o desenvolvimento emocional e dos comportamentos apresentados na vida adulta. As entrevistas foram gravadas em áudio mediante autorização prévia dos participantes.

A coleta de dados ocorreu presencialmente em um Centro Universitário no Alto Sertão da Paraíba, entre os meses de fevereiro e abril de 2026, em ambiente reservado e tranquilo. Inicialmente, os participantes foram informados acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa e, posteriormente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, responderam ao IEP por meio de um link acessado em seus próprios dispositivos móveis e participaram de uma entrevista individual com duração aproximada de 20 e 50 minutos, sendo esta gravada em áudio para posterior transcrição e análise.

Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva, utilizando frequências absolutas e percentuais, médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos, com auxílio do software *IBM SPSS Statistics* (IBM Corp., 2017). Os dados qualitativos provenientes das entrevistas semiestruturadas foram submetidos à análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com interpretação.

A análise possibilitou a construção de quatro categorias temáticas: “Configurações da parentalidade”; “Comunicação e expressão emocional no contexto familiar”; “Impactos no desenvolvimento emocional”; e “Repercussões no comportamento e nas relações na vida adulta”. Para garantir o anonimato dos participantes, foram utilizados códigos alfanuméricos de identificação, variando de P1 a P20.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do estudo 20 jovens adultos, com idade entre 19 e 25 anos ( $M = 21,6$  anos;  $DP = 1,8$ ), sendo 80% ( $n = 16$ ) do sexo feminino e 20% ( $n = 4$ ) do sexo masculino. Em relação à convivência com as figuras parentais durante a infância, 75% dos participantes relataram ter convivido com a figura paterna entre os 6 e os 10 anos de idade, enquanto 25% informaram não ter tido essa convivência nesse período. Quanto à figura materna, 95% da amostra relataram ter convivido com a mãe entre os 6 e os 10 anos de idade, e apenas 5% informaram não ter tido essa convivência.

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma os estilos parentais percebidos por jovens adultos influenciam suas percepções acerca do próprio desenvolvimento emocional e comportamental, partindo da hipótese de que experiências de vinculação afetiva e estilos parentais vivenciados na infância estariam associados a diferentes padrões emocionais e comportamentais na vida adulta. Os resultados corroboram parcialmente com essa hipótese, indicando que as práticas educativas parentais, especialmente as disfuncionais, deixam marcas significativas que se estendem para além da infância, repercutindo na vida adulta, conforme apontam Papalia e Feldman (2013).

No que se refere às práticas educativas paternas avaliadas pelo Inventário de Estilos Parentais (IEP), desenvolvido por Gomide (2006), 20% dos participantes apresentaram escore positivo, 66,6% obtiveram escore negativo e 13,4% apresentaram resultado regular (escore igual a zero). Os escores negativos indicam predominância de práticas educativas disfuncionais, conforme os critérios do instrumento. As práticas paternas predominantes identificadas foram negligência (26,6%), comportamento moral (20%), abuso físico (20%), disciplina relaxada (13,3%), punição inconsistente (13,3%) e monitoria positiva (6,6%). Não foram registradas ocorrências de monitoria negativa como prática paterna predominante. Quanto às práticas educativas maternas, 21% dos participantes apresentaram escore positivo, 63% obtiveram escore negativo e 16% apresentaram resultado regular. As práticas maternas predominantes foram monitoria positiva (37%), abuso físico (26%), monitoria negativa (16%), negligência (10,5%) e disciplina relaxada (10,5%). Não foram registradas ocorrências de comportamento moral nem de punição inconsistente como práticas maternas predominantes.

Em relação às práticas parentais, os dados quantitativos revelaram predominância de escores negativos no Inventário de Estilos Parentais (IEP) tanto para a figura paterna (66,6%) quanto para a materna (63%), evidenciando a presença de práticas educativas disfuncionais na maior parte da amostra. Esses resultados

estão alinhados ao modelo teórico proposto por Gomide (2006), que descreve como práticas negativas o abuso físico, a disciplina relaxada, a monitoria negativa, a negligência e a punição inconsistente. Segundo a autora, tais práticas podem contribuir para prejuízos emocionais e para o desenvolvimento de comportamentos desadaptativos.

Entre as práticas paternas predominantes, destacou-se a negligência (26,6%), seguida por comportamento moral (20%) e abuso físico (20%). A elevada incidência de negligência paterna reforça a compreensão de Gomide (2006) acerca da ausência parental como uma prática caracterizada pela omissão das responsabilidades parentais e pela reduzida participação afetiva na vida dos filhos. O abuso físico, identificado tanto nas práticas paternas (20%) quanto maternas (26%), merece atenção especial, considerando que práticas coercitivas e violentas tendem a produzir impactos significativos no desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

No que se refere às práticas maternas, observou-se predominância da monitoria positiva (37%), caracterizada pelo acompanhamento das atividades, interesses e rotina dos filhos (Gomide, 2006). Apesar disso, os índices de abuso físico (26%) e monitoria negativa (16%) também se mostraram expressivos. A monitoria negativa refere-se ao excesso de fiscalização e controle sobre a vida da criança ou adolescente, frequentemente associado a relações familiares rígidas e pouco flexíveis.

Não foram registradas ocorrências de monitoria negativa como prática paterna predominante, nem de comportamento moral ou punição inconsistente como práticas maternas predominantes. Essas ausências podem estar relacionadas ao tamanho reduzido da amostra ( $n = 20$ ) e às características específicas do grupo investigado, composto majoritariamente por estudantes de Psicologia, aspecto que pode influenciar a forma como as experiências parentais são percebidas e relatadas.

Participaram da etapa qualitativa os mesmos 20 indivíduos da amostra quantitativa. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos, variando de P1 a P20. A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), foram construídas quatro categorias temáticas: (1) Configurações da parentalidade: estilos e práticas educativas; (2) Comunicação e expressão emocional no contexto familiar; (3) Impactos no desenvolvimento emocional; e (4) Repercussões no comportamento e nas relações na vida adulta.

Na primeira categoria, “Configurações da parentalidade: estilos e práticas educativas”, observou-se a coexistência de diferentes práticas educativas no contexto familiar. Emergiram relatos associados ao diálogo e à abertura emocional, como no trecho: “sempre foi de conversar” (P2). Em contrapartida, também foram identificadas práticas autoritárias e punitivas, expressas em falas como: “minha mãe gritava e me batia” (P9), “meu pai era mais carrasco” (P1) e “sempre apanhava dependendo da gravidade” (P16). Além disso, foram relatadas situações de ausência e omissão parental, conforme os relatos: “meu pai era totalmente omissivo” (P10) e “minha mãe era negligente” (P4).

Assim, os dados qualitativos complementaram os achados quantitativos ao possibilitar maior compreensão acerca da maneira como os participantes significam suas experiências familiares. Na categoria “Configurações da parentalidade: estilos e práticas educativas”, observou-se a coexistência de práticas parentais distintas,

incluindo tanto experiências marcadas pelo diálogo e acolhimento emocional quanto vivências autoritárias, coercitivas e negligentes. Esses achados aproximam-se da classificação clássica proposta por Baumrind (1966), que descreve os estilos parentais autoritativo, autoritário e permissivo.

A presença simultânea de diferentes práticas educativas dentro do mesmo contexto familiar reforça o que Darling e Steinberg (1993), citados por Weber et al. (2004), descrevem acerca da complexidade das práticas parentais. Segundo os autores, os comportamentos adotados pelos pais possuem finalidades específicas de socialização, podendo produzir efeitos distintos no desenvolvimento dos filhos. Nessa perspectiva, Boing e Crepaldi (2016) destacam que o conjunto de práticas e estratégias utilizadas na relação com os filhos constitui o estilo parental predominante.

Na segunda categoria, “Comunicação e expressão emocional no contexto familiar”, verificou-se que alguns participantes descreveram ambientes familiares favoráveis ao diálogo e à expressão emocional, como ilustram os relatos: “eles sempre me deixaram aberta à conversa” (P2) e “sempre pude conversar em casa” (P16). Entretanto, foram recorrentes os relatos de restrição emocional e ausência de escuta, evidenciados em falas como: “não havia espaço para expressar sentimentos” (P10), “era difícil me expressar” (P6), “eu guardava mais pra mim” (P15) e “nunca escutavam minha opinião” (P12).

Na categoria “Comunicação e expressão emocional no contexto familiar”, verificou-se que muitos participantes cresceram em ambientes pouco favoráveis à expressão emocional e ao diálogo. Relatos como “não havia espaço para expressar sentimentos” (P10) e “nunca escutavam minha opinião” (P12) evidenciam experiências marcadas pela invalidação emocional e pela ausência de escuta. Esses resultados dialogam com Mainardi e Okamoto (2017), que compreendem a família como o primeiro núcleo social responsável pela construção das formas de interação, pertencimento e expressão emocional.

Ademais, quando o ambiente familiar não favorece a validação emocional, a criança pode desenvolver dificuldades relacionadas ao reconhecimento e à expressão de sentimentos. Além disso, Papalia e Feldman (2013) ressaltam que o desenvolvimento humano ocorre em constante interação com fatores culturais e contextuais. Nesse sentido, aspectos culturais característicos do sertão paraibano, marcados por padrões tradicionais de hierarquia familiar e rigidez emocional, podem contribuir para a manutenção de práticas educativas mais restritivas em relação à expressão afetiva.

Na terceira categoria, “Impactos no desenvolvimento emocional”, os participantes relataram dificuldades relacionadas à regulação emocional, à tolerância à frustração e à expressão de sentimentos. Tais aspectos podem ser observados nos seguintes relatos: “me frustro com facilidade” (P2), “tenho dificuldade de expressar sentimentos” (P6) e “sou muito emotiva, choro com tudo” (P12). Também emergiram diferentes padrões de manejo emocional, tanto de externalização quanto de internalização das emoções, conforme exemplificado pelas falas: “às vezes eu explodo com quem está mais próximo” (P5) e “guardo tudo pra mim” (P15).

Na categoria “Impactos no desenvolvimento emocional”, emergiram relatos relacionados à dificuldade de regulação emocional, baixa tolerância à frustração e padrões de internalização e externalização emocional. Falas como “me frustro com

facilidade” (P2), “às vezes eu explodo com quem está mais próximo” (P5) e “guardo tudo pra mim” (P15) evidenciam repercussões emocionais importantes associadas às experiências parentais vivenciadas.

Esses achados corroboram Bee e Boyd (2011), que destacam o papel das experiências familiares no desenvolvimento de habilidades emocionais, sociais e comportamentais. Os autores também enfatizam a interação entre fatores biológicos e ambientais, indicando que contextos familiares disfuncionais podem intensificar vulnerabilidades emocionais previamente existentes.

Na mesma direção, Siegel e Bryson (2015) afirmam que o cérebro é profundamente influenciado pelas experiências relacionais estabelecidas desde os primeiros anos de vida. As interações construídas com pais e cuidadores exercem papel fundamental na formação das bases emocionais, cognitivas e sociais da criança. Dessa forma, as dificuldades emocionais relatadas pelos participantes podem ser compreendidas como reflexos de experiências precoces marcadas por negligência, violência ou ausência de validação emocional.

Os autores também destacam que memórias implícitas relacionadas a experiências negativas podem influenciar pensamentos, emoções e comportamentos mesmo sem consciência direta dessas lembranças. Assim, experiências parentais dolorosas podem permanecer registradas de maneira profunda, manifestando-se posteriormente por meio de sentimentos de medo, insegurança, tristeza ou dificuldades relacionais.

Na quarta categoria, “Repercussões no comportamento e nas relações na vida adulta”, os participantes reconheceram a influência das experiências parentais em seus comportamentos e relações interpessoais. Alguns relatos evidenciaram a percepção de impacto direto dessas vivências, como: “influenciaram completamente a pessoa que eu me tornei” (P5). Observou-se tanto a reprodução de padrões parentais quanto tentativas conscientes de mudança, expressas em falas como: “às vezes ajo parecido com a minha mãe” (P9) e “não quero agir dessa forma com meus filhos” (P1). Também foram identificadas dificuldades relacionadas à assertividade, à construção de vínculos e à autonomia, conforme ilustram os relatos: “tenho dificuldade de me impor” (P11), “não consigo me abrir com meus pais até hoje” (P14) e “me sinto preso e acomodado” (P13).

Na categoria “Repercussões no comportamento e nas relações na vida adulta”, os participantes reconheceram a influência das experiências parentais em sua forma de agir, sentir e estabelecer vínculos interpessoais. Relatos como “influenciaram completamente a pessoa que eu me tornei” (P5) evidenciam a percepção de continuidade entre as experiências da infância e os comportamentos apresentados na vida adulta.

Esses resultados estão em consonância com Del Prette e Del Prette (2017), que compreendem as habilidades sociais como construídas ao longo das interações sociais cotidianas, especialmente no ambiente familiar. Batista e Weber (2012) também destacam que a família constitui o primeiro contexto de aprendizagem social, no qual a criança observa, internaliza e reproduz padrões de comportamento e expressão emocional.

Observou-se tanto a reprodução de padrões parentais quanto movimentos conscientes de ruptura desses modelos. Enquanto alguns participantes relataram

comportamentos semelhantes aos vivenciados com os pais, outros demonstraram desejo de mudança, especialmente em relação às futuras práticas parentais. Esse aspecto reforça a perspectiva da aprendizagem social discutida por Mainardi e Okamoto (2017), segundo a qual os comportamentos são aprendidos por observação e modelagem. Entretanto, os relatos também evidenciam a possibilidade de resignificação e ruptura de padrões intergeracionais.

Além disso, foram identificadas dificuldades relacionadas à assertividade, à autonomia e à construção de vínculos afetivos, conforme ilustram falas como “tenho dificuldade de me impor” (P11), “não consigo me abrir com meus pais até hoje” (P14) e “me sinto preso e acomodado” (P13). Esses resultados aproximam-se das discussões de Lawrenz et al. (2020), que associam estilos parentais autoritários e práticas coercitivas ao desenvolvimento de baixa autoestima, retraimento social e dificuldades nas habilidades sociais.

Por outro lado, os autores ressaltam que estilos parentais mais positivos, especialmente o autoritativo, associados à monitoria positiva e a práticas educativas indutivas, tendem a favorecer autoestima, autonomia, autoconfiança e bem-estar psicológico. Nesse sentido, os elevados índices de negligência e abuso físico identificados neste estudo reforçam a relação entre práticas coercitivas e prejuízos emocionais na vida adulta.

Pacheco e Reppold (2011) destacam que os comportamentos são amplamente aprendidos nas interações familiares, sendo tanto os padrões adaptativos quanto os desadaptativos reforçados ao longo do desenvolvimento. Assim, as falas dos participantes acerca da reprodução de comportamentos parentais ilustram esse processo de aprendizagem relacional e transmissão intergeracional.

Os achados deste estudo trazem importantes implicações para a prática profissional, especialmente no campo da psicologia clínica, educacional e familiar. Os resultados reforçam a necessidade de intervenções psicoeducativas voltadas à orientação parental, com foco na promoção de práticas educativas positivas, como monitoria positiva e comportamento moral, e na redução de práticas coercitivas, negligentes e violentas, conforme o modelo proposto por Gomide (2006).

Logo, os resultados apontam para a importância do desenvolvimento de políticas públicas e estratégias preventivas voltadas à promoção da saúde mental familiar, considerando os impactos que as experiências parentais podem exercer ao longo do ciclo vital. Conforme destacam Lawrenz et al. (2020), o acesso a intervenções voltadas ao fortalecimento de práticas parentais saudáveis constitui importante fator de proteção para o desenvolvimento emocional e social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo possibilitou compreender de que forma os estilos parentais percebidos por jovens adultos influenciam aspectos do desenvolvimento emocional e comportamental na vida adulta. Os resultados evidenciaram que as experiências vivenciadas no contexto familiar durante a infância exercem impactos significativos na

maneira como os indivíduos lidam com emoções, vínculos interpessoais, autoestima, assertividade e regulação emocional.

Observou-se predominância de práticas educativas disfuncionais, especialmente relacionadas à negligência, ao abuso físico e à monitoria negativa, tanto na figura paterna quanto materna. Tais práticas mostraram-se associadas a dificuldades emocionais e relacionais relatadas pelos participantes, como baixa tolerância à frustração, dificuldades de expressão emocional, insegurança, retraimento e problemas na construção de vínculos interpessoais.

Os achados qualitativos permitiram compreender, para além dos dados estatísticos, como essas experiências parentais são significadas pelos participantes e de que maneira continuam repercutindo em suas vivências atuais. Também foi possível identificar movimentos de reprodução de padrões parentais, bem como tentativas conscientes de ruptura de modelos familiares considerados prejudiciais, evidenciando a complexidade das relações intergeracionais.

Nesse sentido, os resultados reforçam a importância do desenvolvimento de intervenções psicoeducativas voltadas à orientação parental, promoção de práticas educativas positivas e fortalecimento dos vínculos familiares. Além disso, evidenciam a necessidade de estratégias preventivas e políticas públicas direcionadas à promoção da saúde mental familiar e ao desenvolvimento emocional saudável desde a infância.

Como limitação do estudo, destaca-se o tamanho reduzido da amostra e a predominância de estudantes do curso de Psicologia, fatores que podem limitar a generalização dos resultados. Sugere-se que pesquisas futuras contemplem amostras mais amplas e diversificadas, bem como diferentes contextos socioculturais, a fim de ampliar a compreensão acerca das repercussões dos estilos parentais ao longo do desenvolvimento humano.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o avanço das discussões sobre parentalidade, desenvolvimento emocional e relações familiares, auxiliando profissionais da Psicologia, Educação e áreas afins na construção de práticas de cuidado, prevenção e promoção da saúde emocional.

## REFERÊNCIAS

Diana Baumrind. Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEE, Helen; BOYD, Denise. *A criança em desenvolvimento*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BOING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. Relação entre pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educação em Revista*, n. 59, 2016.

- CARDOSO, Joana; VERÍSSIMO, Manuela. Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 31, n. 4, p. 393-406, 2013.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. *Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo*. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.
- GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- IBM CORP. *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 25.0*. Armonk, NY: IBM Corp., 2017.
- LAGO, Vivian de Medeiros et al. Instrumentos que avaliam a relação entre pais e filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 330-341, 2010.
- LAWRENZ, Paula et al. Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los? *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 16, n. 1, p. 38-46, 2020.
- MAINARDI, Sandra Mara; OKAMOTO, Mary Yoko. Desenvolvimento das crianças: um olhar sobre o papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 822-839, 2017.
- PACHECO, Janaína; REPPOLD, Caroline Tozzi. Terapia cognitivo-comportamental para os transtornos de comportamento disruptivo: modelo de treinamento parental. In: PETERSON, Carla S.; WAINER, Ricardo (org.). *Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes: ciência e arte*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 152-168.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes. Inventário de estilos parentais (IEP): um novo instrumento para avaliar as relações entre pais e filhos. *Psico-USF*, v. 12, n. 1, p. 11-21, 2007.
- SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. *O cérebro da criança*. São Paulo: Versos, 2015.
- WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.